

União da Vitória/PR, 8 de novembro de 2024

FAGULHA

Edição 04



Jornal do Curso de Filosofia da UNESPAR

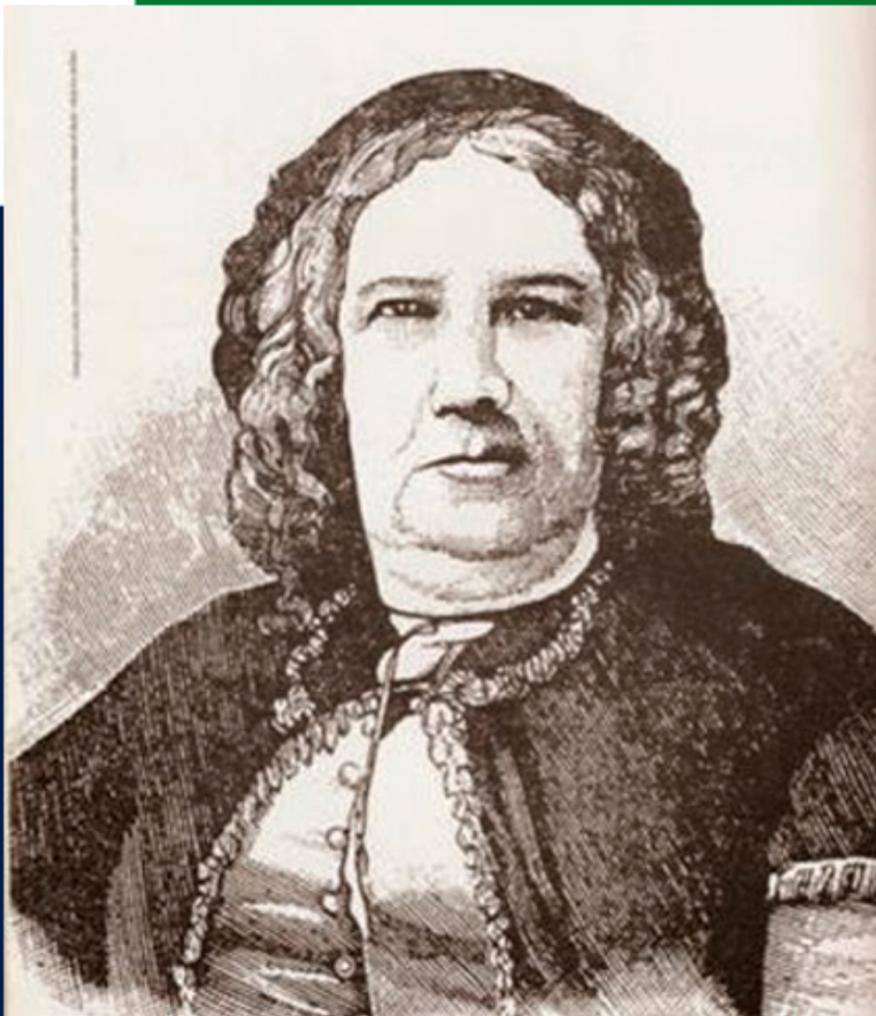
UNESPAR

Universidade Estadual do Paraná
Campus de União da Vitória

Edição: Sócrates Lemos

DESTAQUE DO MÊS

VOCÊ CONHECE?



Nísia Floresta

SUMÁRIO

Para que serve a Filosofia?....	Pág.01
Olhar Popular.....	Pág.02
Política em debate.....	Pág.03
Você conhece?.....	Pág.04
Labirinto.....	Pág.05
Arruaça.....	Pág.06
Filosofinha/os.....	Pág.07
Filosofia Ilustrada.....	Pág.08



PARA QUE SERVE A **FILOSOFIA?**



Albert Camus

De acordo com Albert Camus, só existe um problema filosófico: o suicídio. Assim, a pergunta fundamental da filosofia é: a vida vale a pena ser vivida? Se, por um minuto, deixássemos de lado todas as nossas crenças, nos sobraria apenas a mera existência. A partir dessa constatação, no livro “O Mito de Sísifo”, Camus pergunta: é possível viver em um universo sem pretensões ou fins absolutos e, mesmo assim, amar a vida? Usando o exemplo mitológico de Sísifo, condenado a empurrar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde ela tornava a cair por seu próprio peso, Camus afirma que os deuses que o castigaram certamente pensaram: não há castigo maior que o trabalho inútil e sem esperança. Ora, não seria esse o caso das pessoas que trabalham todos os dias nas mesmas tarefas? O destino dessas pessoas não seria tão absurdo quanto o de Sísifo? Deveríamos continuar empurrando essa rocha, aceitar nosso destino e ter coragem de assumir a vida com suas dores e prazeres? Deveríamos apreciar a descida da montanha, sem o peso da pedra, como um momento de liberdade? Sim, para Camus, a vida, mesmo sem sentido, pela mera existência já é o suficiente para nos manter vivos. **(Encontre ajuda no Centro de Valorização da Vida: ligue 188).**

Autores: Bruno Soares, Samuel Senek e Caique Augusto.

LHAR *Popular*

Nos dias de hoje, uma imagem tornou-se constante nos noticiários: as queimadas que consomem os biomas brasileiros e devastam a fauna e a flora. Causadas, em grande medida, pela ação humana, elas revelam uma dinâmica que, a cada dia que passa, se mostra mais perigosa: a de o ser humano seguir considerando-se dissociado da natureza. Essa lógica perniciosa encontra agora sua exaustão, e a natureza nos adverte com um recado: ou o ser humano muda a forma de se relacionar com ela, ou causará, ele próprio, sua ruína. Longe de ser resultado de uma



interferência divina, o fim do mundo será produzido por nossas próprias mãos. Estamos, em outras palavras, diante de uma crise ambiental. Seu enfrentamento requer o reconhecimento, como advertiu o líder indígena Ailton Krenak, do impacto que nós, humanos, causamos neste organismo vivo que é a Terra, provedora não só de subsistência, mas também de sentidos na dimensão transcendental. O fim do mundo só poderá ser adiado se estivermos dispostos a estabelecer uma nova relação com a natureza: de cuidado, admiração e amor – em suma, de não exploração. Devemos reconhecer que nós e a natureza somos uma coisa só e, assim, abandonar a visão de que ela é apenas uma mercadoria. Ao fazermos isso, estaremos prontos para contar uma nova história e, desse modo, adiar o fim. A questão que fica é: seremos capazes de salvar a nós mesmos e as vidas não humanas que, ao nosso lado, sofrem?

Autores: Marcos Zmijewski, Alaércio Bremmer, Petry Fernandes.



POLÍTICA EM DEBATE



Por meio da investigação histórica, observamos repetidamente a instauração de governos que justificam seu programa com base em uma “ameaça comunista”. Um dos argumentos utilizados para incutir medo do comunismo é que as pessoas passariam fome. Contudo, basta observar as ruas e as análises estatísticas para ver que a fome no mundo é uma realidade sob o capitalismo. Entre 2018 e 2020, o Brasil, por exemplo, voltou a integrar o mapa da fome, onde muitas famílias não tinham a renda para o sustento básico. O governo de Jair Bolsonaro demonstrou pouco interesse em relação ao gravíssimo estado em que se encontrava o país, extinguindo políticas públicas de combate à fome e promovendo diversos ataques sociais e trabalhistas, o que agravou

ainda mais a situação durante a pandemia. Embora, dentro da dinâmica do liberalismo econômico, programas sociais tenham como objetivo proporcionar melhores condições às pessoas em situação de vulnerabilidade, esses programas não atacam as estruturas de exploração existentes. Assim, defender um programa neoliberal promove a permanente redução do Estado, o corte em investimentos sociais, a fragilização da soberania nacional, a destruição dos direitos trabalhistas e a manutenção de programas sociais em vez de reformas estruturais. Encerramos com Dom Hélder Câmara: “Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista”

Autores: Maria Lopes, Letícia Gassmann e Leonardo Bergamo.

VOCÊ CONHECE?



Nísia Floresta

Você conhece a pensadora Nísia Floresta? Seu nome de batismo era Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em 1810 no Rio Grande do Norte e falecida na França em 1885, vítima de pneumonia. O Brasil de sua época tinha aproximadamente 9 milhões de habitantes, dos quais apenas 55.500 estavam nas escolas, incluindo 8.443 mulheres. Nesse contexto, destaca-se o fato de Nísia ter sido uma filósofa pioneira no feminismo brasileiro e latino-americano, além de lutar pela igualdade de direitos. Ela adotou o nome Nísia Floresta Brasileira Augusta para expressar sua luta, que começou com a questão da educação feminina e a forma como

a sociedade de seu tempo tratava as mulheres, frequentemente consideradas inferiores aos homens — uma realidade que, em muitos aspectos, ainda persiste. Para alguns, Nísia é vista como um mito; para outros, ela merece ser reconhecida na esfera da filosofia, pois, além de abordar as questões de emancipação da educação feminina, questionou ideais que até então eram negados às mulheres, como civilidade, liberdade e progresso. Além desses temas, Nísia também defendeu os povos indígenas, o abolicionismo e criticou o colonialismo. Em 1954, o Estado do Rio Grande do Norte repatriou seus restos mortais e renomeou a cidade de Papari para Nísia Floresta, em homenagem a sua ilustre filha.

Autoras: Cris Baniski, Heloyse Tomal, Danieli Kirschner.

LABIRINTO

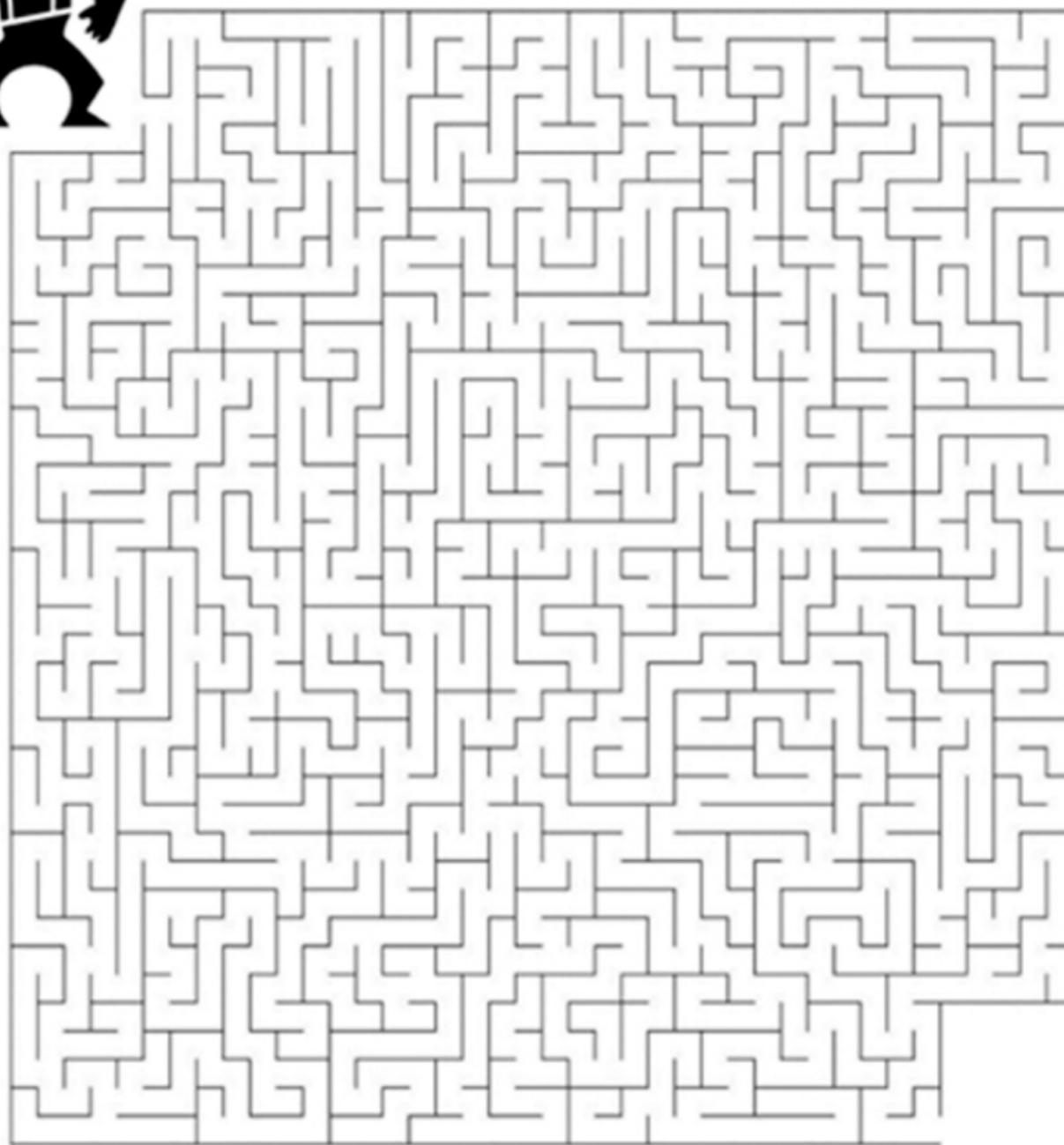


Confira as respostas no @fagulha_jornal/



Encontre o final do labirinto.

Cuidado para não incomodar o Minotauro!



Autoras: Sarah e Islene



ARRUAÇA

**“O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo”.**
(Manoel de Barros. O Livro sobre Nada).

Manoel de Barros, com sua poesia que exalta o inusitado, o pequeno e o aparentemente irrelevante, dialoga profundamente com a infância, especialmente a infância atípica. Esse diálogo é uma celebração da diversidade e da autenticidade. A criança atípica transvê o mundo: onde todos veem uma cadeira, ela vê um barco; onde há silêncio, ela ouve música no vento. Ela transforma o cotidiano em uma aventura de sentidos, brincando com o tempo, como quem molda o dia com as mãos. Assim como Manoel, ela não segue as regras da gramática usual; suas palavras nascem do inesperado, do que não se ensina, mas se sente. A poesia dela não está nas páginas de livros, mas nas paredes rabiscadas, nos brinquedos alinhados, nas rotinas que se tornam rituais de encanto. Manoel nos lembra que as coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças, com gestos, olhares e sons que escapam à lógica, mas que preenchem o mundo de significados profundos. O extraordinário mora nas margens da vida comum. Aliás, como diria Ariano Suassuna, é na infância que o imaginário e a criatividade se transcendem, visto que a cultura popular é o berço da infância, onde se aprende a sonhar e a contar histórias.

Autores: Rafaela Rodrigues, Aline Cavalheiro, Carlos Schneider.

FILOSOFINHO^{as}

FÁBULA DO CACHORRO-QUENTE: Em Cachorropolis, as eleições estavam pegando fogo. O candidato Bravo, um Rottweiler com fama de brigão, soltou uma notícia que deixou todo mundo com as orelhas em pé: "Se a Carmela ganhar, todos os cachorros salsichinhas vão virar cachorro-quente! E já tem acordo com as lanchonetes!" Os pobres cães salsichas ficaram em pânico. Alguns, como o velho Pingo, que já estava cansado de ouvir essas histórias de cãopanha, sabiam que era uma notícia falsa. "É só latido pra assustar!", resmungava ele, mordendo seu osso. Mas outros, como o ansioso Totó, saíram correndo pela cidade, espalhando o boato: "Ouvi dizer que o caminhão de Ketchup já chegou na cidade!". A Carmela, uma cãodidata vira-latas com um olhar doce e muito calma, precisou parar sua cãopanha para desmentir a notícia: "Jamais faria isso com nossos aumigos salsichinhas!", falava em seus discursos, mas a dúvida já estava na cabeça de muitos. Enquanto isso, Bravo seguia espalhando suas histórias, todo orgulhoso de sua habilidade de "mordida e fuga". A fábula nos ensina que, quando alguém espalha boatos para assustar os outros, como o Bravo fez, o medo pode atrapalhar como olhamos e sentimos a realidade. Os cãezinhos salsichinhas, diante das ameaças que Bravo fazia, acabaram se sentindo inseguros. Mas a história também mostra que sempre podemos tentar descobrir a verdade e vencer o medo, como a Carmela está tentando fazer.



Autores: Jean Tavares, Thiago Stadler, Guilherme Ferreira, Luís Santos.

Filosofia ILUSTRADA



Autor: Levi Tyler.



@fagulha

Venha fazer
FILOSOFIA
na **UNESPAR**



UNESPAR